

1 NÍVEL DE ATIVIDADE

A divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre de 2006, como de costume, trouxe várias taxas de crescimento, conforme o cálculo feito: no acumulado de quatro trimestres, 2,4%; sobre o mesmo trimestre do ano anterior, 3,4%; e, sobre o quarto trimestre de 2005, série dessazonalizada, 1,4%, que “anualizada” corresponderia a 5,7%.¹ Afinal, a que ritmo cresceu a economia brasileira no primeiro trimestre? No atual contexto, a taxa que mais se aproxima da resposta correta é a de 3,4%, na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Tendo o crescimento do primeiro trimestre sido superior ao esperado no *Boletim de Conjuntura* de março último e tendo esse crescimento contado com forte expansão dos investimentos, foi feita, nesta edição, uma revisão da taxa esperada para 2006 de 3,4% para 3,8%. Introduziu-se no horizonte de projeção o ano de 2007, com taxa esperada de crescimento também de 3,8%.

Se essas taxas de 2006 e 2007 se confirmarem, terá sido um avanço da economia brasileira, já que nos últimos anos a taxa média tem sido bem mais baixa. Por exemplo, nos últimos cinco anos (2001-2005), o crescimento médio foi de 2,2%; nos últimos dez anos (1996-2005), também de 2,2%; nos últimos 15 anos (1991-2005), 2,5%; e, nos últimos 20 anos (1986-2005), de 2,3%. Esse avanço terá sido fruto, sem dúvida, de uma série de reformas feitas na economia brasileira e da persistência na adoção de políticas macroeconômicas responsáveis; e sinalizará para a necessidade de continuar o processo de reformas, de modo a elevar a taxa de crescimento brasileira, que tem ficado aquém dos demais países em desenvolvimento.

A melhor notícia na abertura dos dados do PIB do primeiro trimestre foi o forte crescimento dos investimentos – sobre o mesmo trimestre de 2005, a formação bruta de capital fixo (FBCF) cresceu 9%. Para se ter uma idéia da magnitude desse crescimento, no ano passado ele foi de 1,6%. Todos os componentes do investimento cresceram bastante: produção de máquinas e equipamentos, importação de máquinas e equipamentos e construção civil. Esta última cresceu 7,0% sobre o mesmo trimestre do ano passado e tem peso importante no cálculo dos investimentos. O tão esperado crescimento do setor parece ter finalmente começado.

1. A taxa de 5,7% corresponde à de 1,4% acumulada em quatro períodos. Quando se trata de inflação (da forma como é habitualmente calculada no Brasil) e de taxa de juros, a explicação de que a taxa anualizada corresponde ao crescimento que se verificaria no ano caso a taxa do trimestre ou mês se repetisse por quatro trimestres ou 12 meses é corriqueira, mas no caso do PIB, acaba por criar confusão, pois se a taxa de 1,4% se repetisse nos três trimestres restantes de 2006, o crescimento do PIB no ano *não* seria de 5,7%, mas sim de, aproximadamente, 4,2%, ao se comparar o PIB de todo o ano de 2006 com o de todo o ano de 2005. O crescimento de 5,7% seria observado, aproximadamente, apenas na comparação entre o quarto trimestre de 2006 e o mesmo de 2005.

PIB

O PIB cresceu 3,4% no primeiro trimestre com relação ao mesmo período de 2005 e 1,4% em termos dessazonalizados, sobre o quarto trimestre do ano passado (Tabela 1.1). O resultado mostrou um cenário bastante positivo da atividade econômica, ainda que com forte dispersão em nível setorial. Por um lado, a agropecuária mostrou desempenho negativo (na comparação com o mesmo trimestre de 2005) em função do declínio da produção de culturas relevantes no início do ano. Por outro, os serviços cresceram bem mais do que esperado. No caso da indústria, as dúvidas sobre a velocidade de recuperação do setor no primeiro trimestre, em função da acumulação de estoques observada no final do ano, foram se dissipando à medida que os indicadores de atividade industrial davam sinais de uma recuperação mais sólida e generalizada (ver seção Indústria).

TABELA 1.1
PRODUTO INTERNO BRUTO
[trimestre/igual trimestre do ano anterior e variação anual (%)]

	2005 (Observado)				2006				Acumulado no ano		
	I	II	III	IV	Observado		Previsto		2005	2006	2007
					I	II	III	IV			
PIB a preços do mercado	2,8	4,0	1,0	1,4	3,4	2,7	4,6	4,6	2,3	3,8	3,8
Impostos s/produtos	4,7	5,9	2,7	2,3	5,7	3,8	5,7	5,0	3,9	5,0	4,8
PIB a preços básicos	2,6	3,8	0,7	1,3	3,2	2,5	4,5	4,6	2,1	3,7	3,7
Agropecuária	2,6	3,2	-2,0	-1,8	-0,5	1,2	4,4	6,4	0,8	2,5	2,5
Indústria	3,1	5,5	0,4	1,4	5,0	3,8	6,2	6,3	2,5	5,3	5,3
Ext. mineral	3,7	17,5	10,3	12,1	12,6	6,8	11,6	10,7	10,9	10,4	9,3
Transformação	3,6	4,1	-0,9	-1,2	3,0	2,6	4,6	6,1	1,3	4,1	4,3
Construção civil	0,6	3,7	-1,9	3,1	7,0	4,8	8,8	4,4	1,3	6,2	6,0
Siup	3,3	4,6	3,5	3,2	4,3	4,7	4,8	5,0	3,6	4,7	5,0
Serviços	2,2	2,6	1,5	1,8	2,8	2,5	2,9	2,6	2,0	2,7	2,8
Comércio	4,2	3,9	2,2	2,9	4,8	3,4	5,4	4,6	3,3	4,5	4,2
Transporte	3,9	4,0	3,1	1,7	3,6	3,4	4,0	5,2	3,2	4,0	4,2
Demais	1,7	2,1	1,4	1,7	2,4	2,4	2,3	2,0	1,7	2,3	2,0
Comunicações	-2,8	-0,3	0,8	2,8	0,0	4,1	2,2	1,3	0,1	1,9	2,5
Inst. financeiras	2,8	3,4	1,5	2,0	2,9	3,2	4,3	3,6	2,4	3,5	3,8
Outros serviços	2,2	0,8	0,9	1,6	2,9	3,5	3,5	3,1	1,3	3,3	3,5
Aluguéis	3,7	2,8	2,1	1,3	2,4	1,5	1,4	1,4	2,5	1,7	1,7
Adm. pública	0,6	3,4	1,2	1,6	2,6	1,2	1,5	1,4	1,7	1,7	1,7
Consumo	2,7	3,1	2,4	2,7	3,4	3,7	4,4	4,5	2,7	4,0	3,9
Famílias	3,3	3,1	2,7	3,4	4,0	4,4	5,3	5,4	3,1	4,8	4,7
Governos	1,1	3,1	1,3	0,8	1,6	1,8	1,8	2,0	1,6	1,8	1,8
FBCF	2,3	4,0	-2,1	2,7	9,0	7,8	10,2	4,3	1,6	7,8	7,6
Exportações	13,6	12,9	12,3	8,1	9,3	5,4	5,0	2,0	11,6	5,3	5,6
Importações	12,2	12,7	9,4	4,3	15,9	15,5	14,1	13,6	9,5	14,7	11,0
PIB var. dessaz. trim. anterior (%)	0,1	1,3	-0,8	0,9	1,4	1,2	1,1	0,9	-	-	-

Fonte: IBGE. Previsão: Ipea/Dimac.

A expansão do PIB no trimestre em relação a igual período de 2005 foi sustentada no crescimento da indústria (5,0%), com contribuição positiva de todos os segmentos, especialmente extrativa mineral (12,6%) e construção civil (7,0%). No caso da extrativa mineral, o resultado era esperado em função do impulso que o setor ganhou ao longo do segundo semestre de 2005. No entanto, a construção civil trouxe uma surpresa positiva ao mostrar sinais de recuperação além das expectativas. Aparentemente, as medidas de incentivo ao setor anunciadas ao longo de 2005 só recentemente foram finalmente sentidas, com mais financiamentos imobiliários e investimentos em infra-estrutura. A contrapartida foi um aumento considerável da produção de cimento e clínquer [10,7% até março, segundo a Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF)] e do nível de emprego formal (em torno de 10%), segundo informações do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). O movimento não foi percebido no lado informal, pois a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) informa que, para esse período, o número de ocupados na construção civil cresceu apenas 1%, abaixo do total de empregos criados para toda a economia (2,3%). Ao mesmo tempo, a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) varejista, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), informou que a venda de materiais de construção está praticamente paralisada, pois no trimestre registrou aumento de 0,1%. Ao que tudo indica, o crescimento da produção de materiais de construção (*proxy* para o setor) se daria em função de uma demanda maior de empresas e não pela atividade informal (o chamado “consumo-formiga”) – possivelmente influenciado também pela realização de obras públicas.

Fechando o cenário positivo vindo do setor industrial, temos a expansão da indústria de transformação (3%), que mostrou a continuidade do crescimento da produção de equipamentos eletrônicos e importante recuperação de segmentos como o de artigos de plástico e o de bebidas.

O declínio da agropecuária no trimestre (-0,5%) reflete perdas em algumas lavouras, como de algodão, arroz e amendoim, assim como o pior desempenho na pecuária, pela menor demanda dos setores de “abate de bovinos e suínos” e “preparação de carnes”.

Após as fortes perdas no ano passado, a produção de insumos para a agropecuária parece ter se estabilizado num patamar baixo – refletindo inclusive pressões de preços associadas às altas do petróleo no mercado internacional. No entanto, o setor de máquinas ainda está sofrendo as conseqüências da crise agrícola: no trimestre, ainda registrou retração de 15,4%, depois de ter fechado o ano de 2005 com a expressiva queda de 36%.

Nos serviços – 2,8% de crescimento na comparação com o primeiro trimestre de 2005 –, o setor mais dinâmico foi o comércio (4,8%), em especial o varejo, que, segundo a PMC, teve forte crescimento nas vendas de bens duráveis, em consonância com a forte produção desse segmento.

Em linhas gerais, o desempenho positivo do PIB no primeiro trimestre refletiu a continuidade do movimento de queda dos juros, a superação do auge da crise política, a continuidade da expansão do crédito e o forte aumento do gasto público a partir do final do ano passado. A expansão da massa de rendimentos reais do trabalho, impulsionada mais pelo crescimento do salário real do que pelo aumento do emprego, vem dando sustentação à recuperação da atividade econômica.

PREVISÃO

Esperamos crescimento do PIB de 3,8% neste ano e no próximo. A redução da taxa de juros, o aumento do salário mínimo e a maior disposição de investimento são elementos que sustentariam a expansão do mercado interno como motor de crescimento para este ano (ver Tabela 1.2). Também devem ser considerados os efeitos multiplicadores do gasto público. Esse cenário pressupõe um crescimento, em termos dessazonalizados, relativamente forte, mas declinante ao longo do ano.²

Do ponto de vista setorial, a indústria lideraria o crescimento em 2006 (5,3%), com destaque para extrativa mineral e construção civil. A expansão da indústria de transformação seria alavancada pela maior produção de bens de capital e bens de consumo, denotando maior demanda por parte das famílias por bens de consumo e das empresas por bens de investimento.

Apesar da conjuntura desfavorável de preços e de insumos que se instalou no ano passado, desestimulando a expansão da área plantada (ver seção Política Agrícola), estimamos que a agropecuária crescerá 2,5% em 2006. É esperada uma safra de grãos de 122 milhões de toneladas, superior em 8,1% à safra obtida em 2005 (113 milhões de toneladas). Há perspectivas positivas para a produção de milho (20,2%), feijão (15,8%) e soja (8,4%). O quadro já não é favorável para o cultivo de arroz, amendoim e algodão, com quedas de produção estimadas em 15,8%, 10,5% e 22,5%, respectivamente.

Um fator estatístico a ser levado em conta para 2007 é que a taxa média de crescimento do PIB no ano-calendário contará com um carregamento (*carry over*), em se confirmando as

TABELA 1.2
COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB^a
[em %]

Componentes	2005	2006 ^b	2007 ^b
Consumo privado	1,7	2,7	2,6
Consumo do governo	0,3	0,4	0,4
FBCF	0,3	1,5	1,5
Varição de estoque	-0,9	0,1	0,0
Exportação	2,1	0,9	0,9
Importação (-)	1,3	1,8	1,4
PIB	2,3	3,8	3,8
Demanda doméstica	1,4	4,7	4,2
Demanda externa	0,8	-0,9	-0,4

Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea.

^a Pesos no ano anterior (*t-1*) versus taxa de crescimento (*t*).

^b Previsão: Ipea.

2. Tanto no caso do aumento do gasto público quanto no do aumento do salário mínimo, é corrente a visão de que são fatores expansionistas do nível de atividade. Porém, há que se ter em mente que esse tipo de efeito só é possível no curto prazo, não podendo ser uma política permanente de promoção do crescimento. Como consequência, o próprio efeito de curto prazo pode ser reduzido se os agentes econômicos temerem que essas políticas venham a gerar maior déficit público, pior trajetória da relação dívida/PIB, risco de aumento da inflação e maiores dificuldades para a redução das taxas de juros reais.

projeções deste boletim, levado do último trimestre de 2006, de 1,5%, enquanto 2006 conta com apenas 0,6%. A continuidade da queda da taxa real de juros também é um fator que permitirá a manutenção do ritmo de crescimento de 2006 no ano seguinte. A taxa Selic real *ex post*, usando como deflator o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), foi de 12,7% em 2005 e, no cenário do presente boletim, será de 10,6% em 2006 e de 8,4% em 2007.

Alguns dos riscos para esse cenário vêm do setor externo da economia. Se a valorização real da taxa de câmbio se mantiver, poderá acabar tendo influência mais significativa sobre as exportações líquidas e, por conseguinte, sobre o nível de demanda agregado e o nível de atividade. Adicionalmente, é provável que o cenário mundial, nos próximos anos, não seja tão favorável como nos últimos três anos, quando o PIB mundial cresceu significativamente acima de sua média histórica e a aversão ao risco esteve em níveis bastante baixos, refletindo-se na queda dos *spreads* de risco dos países emergentes. Os movimentos de elevação dos juros nos Estados Unidos e na Europa poderão levar à redução da liquidez disponível no mundo. As principais dúvidas, é claro, são quanto à magnitude e ao momento de ocorrência desses eventos.

FBCF

A retomada do nível de atividade a partir do último trimestre do ano passado vem sendo acompanhada por expressiva expansão dos investimentos, revertendo o fraco desempenho de 2005 (Tabela 1.3). A *performance* foi positiva para todos os segmentos de bens de capital, levando a uma ampliação da FBCF de 9,0% no primeiro trimestre do ano, em relação ao

TABELA 1.3
FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO (FBCF)^a
 [variação trim. *t* / trim. *t* - 4 (%)]

FBCF e componentes	Acumulado em 2004	2005				Acumulado em 2005	2006
		I	II	III	IV		I
FBCF	10,9	2,3	4,0	-2,1	2,7	1,6	9,0
Construção	5,7	0,7	3,6	-1,8	2,9	1,3	6,9
Máquinas e equipamentos	3,7	-0,8	5,5	0,4	17,7	5,3	12,9
Absorção nacional ^b	1,1	-8,2	-0,7	-7,2	23,0	0,2	6,6
Produção	19,9	5,9	8,8	2,5	-0,2	4,1	7,2
Exportação	71,1	42,3	32,6	30,3	-8,2	18,5	8,0
Importação	10,2	22,8	24,2	24,4	15,3	21,4	33,6
FBCF – var. dessaz. (trim. <i>t</i> / trim. <i>t</i> -1)	-	-3,0	4,7	-0,9	1,7		3,7
Taxa de investimento							
Nominal	19,6	20,0	19,9	20,4	19,7	20,0	20,3
A preços do ano anterior	18,8	18,8	19,0	19,9	20,2	19,5	20,0
Memo:							
Produção de bens de capital (PIM-PF)	19,7	2,5	5,1	2,5	4,2	3,6	9,2

Fontes: IBGE e Funcex. Elaboração: Ipea.

^a Decomposição da FBCF do Ipea.

^b Produção – exportações.

mesmo período do ano anterior. Esse crescimento foi bem maior do que o previsto porque não se esperava uma recuperação tão rápida e forte da construção civil. As sondagens industriais vêm sinalizando um maior clima de confiança, essencial para a realização dos planos de expansão da capacidade instalada das empresas, que foram contidos ao longo de 2005, aparentemente por um desempenho aquém do esperado da atividade econômica. Aliás, o aumento da capacidade instalada é apontado como o principal motivo para as empresas investirem, como mostram respostas aos quesitos especiais da última sondagem da Fundação Getúlio Vargas (FGV), de abril de 2006. No entanto, para 2006, as dúvidas sobre a demanda e uma carga tributária pesada ainda continuam limitando a realização dos investimentos.

A expansão do investimento no trimestre caracterizou-se por um crescimento equilibrado de todos os segmentos, ainda que a recuperação mais expressiva continue em máquinas e equipamentos, como mostra a Tabela 1.3. O crescimento acumulado da construção civil (6,9%) parece refletir, com certa defasagem, um conjunto de medidas em implementação desde 2004, mas que parece ter ganhado impacto apenas diante da perspectiva de uma trajetória consistente de queda dos juros, com impulso adicional dado pelo pacote de incentivos dirigido ao setor e implementado ao longo do ano passado. Segundo a Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), no primeiro quadrimestre o volume de operações contratadas pelos agentes do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) totalizou R\$ 2,4 bilhões, 72% a mais do que no mesmo período do ano anterior. Para se ter uma idéia do ritmo em que vêm crescendo os empréstimos, em todo o ano passado as contratações, que já tinham crescido 60% sobre o ano anterior, atingiram R\$ 4,8 bilhões. A Lei 10.971, que criou o patrimônio de afetação e a figura de alienação fiduciária no caso de imóveis, elevou a margem de segurança tanto para o credor quanto para o tomador de recursos. Por fim, a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para insumos do setor também estimulou a atividade da construção a partir do final do ano passado.

A aquisição de máquinas nacionais (absorção nacional, igual a produção menos exportação) cresceu 6,6%. Excetuando-se o caso das máquinas destinadas ao setor agrícola, que ainda estão sofrendo as conseqüências da crise do setor, há importantes aumentos na produção de bens de capital destinados à infra-estrutura, como máquinas para energia elétrica (45,2%), para construção (21,4%) e de uso misto (17,3%). No entanto, vale ressaltar o significativo volume de importados, levando a um consumo aparente de máquinas 12,9% superior ao registrado no primeiro trimestre de 2005. Tanto a valorização cambial como a queda do preço em dólares de máquinas importadas favoreceram esse movimento. Enquanto o valor das importações de bens de capital acumulou crescimento de 26,2% no primeiro quadrimestre do ano, o das procedentes da China aumentou 73%. Isso elevou a participação de bens de capital chineses de 7,7% (em 2004) para 13% (em 2006) no total de máquinas importadas pelo Brasil, considerando o período janeiro-abril. Os avanços mais expressivos foram: “reatores nucleares, caldeiras e máquinas”; “máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes”; e “instrumentos e aparelhos de ótica, médico-cirúrgicos”.

Diante desse desempenho, está sendo revista a previsão de crescimento da FBCF para este ano de 5,8% (divulgada no *Boletim de Conjuntura* de março) para 7,8%, o que elevaria a taxa de investimento (em termos nominais) para 20,5% do PIB. Se os preços relativos dos bens de investimento e os do restante da economia se mantivessem estáveis, a taxa alcançaria 20,7%. A projeção de 20,5% embute uma inflação nos investimentos um pouco menor do que o deflator do PIB.

INDÚSTRIA

A produção industrial de março, segundo a PIM-PF do IBGE, acumula no ano crescimento de 4,6% (Tabela 1.4). Esse resultado é melhor, embora próximo, do que o previsto no *Boletim de Conjuntura* de março, de 4,0%.

Analisando a série de produção industrial, no formato da média móvel de três meses do indicador dessazonalizado, percebe-se que, desde o quarto trimestre de 2004, a tendência de crescimento é menor do que a que se observou de meados de 2003 a meados de 2004 (Gráfico 1.1). Nos 12 meses terminados em março, a produção industrial cresceu 3,3%.

Nos últimos três meses, três estados tiveram crescimento na produção industrial persistente e significativamente superior à média nacional, tomando-se a variação contra o

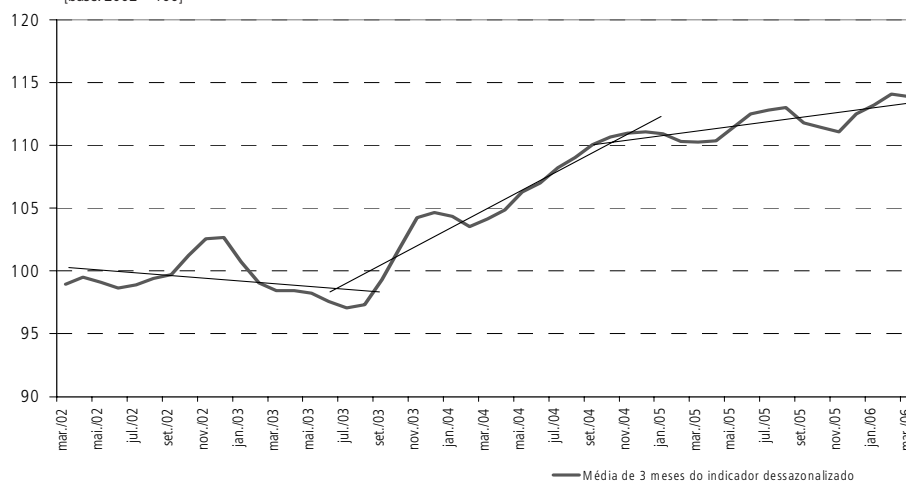
TABELA 1.4
PRODUÇÃO INDUSTRIAL
[variação (%)]

	Mar. 2006/fev. 2006 ^a	Mar. 2006/mar. 2005	Acumulado no ano	Em 12 meses
Geral	-0,3	5,2	4,6	3,3
Classes				
Extrativa mineral	0,9	13,0	13,2	12,1
Transformação	-1,1	4,8	4,1	2,8
Categorias de uso				
Capital	-2,2	10,1	9,2	5,1
Intermediários	0,2	3,1	2,8	1,2
Consumo	-2,3	7,3	6,4	5,9
Duráveis	-5,1	11,4	14,9	12,2
Semi e não-duráveis	-3,2	6,1	4,0	4,3
Insumos da construção civil	0,2	6,8	6,9	2,8

Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac.

^a Sazonalmente ajustado pelo IBGE (método X-12), exceto construção civil cuja dessazonalização é realizada pelo Ipea através do método X-11.

GRÁFICO 1.1
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE): INDÚSTRIA GERAL
[base: 2002 = 100]



mesmo mês do ano anterior: Amazonas, Pará e Ceará. Esse resultado está ligado ao bom desempenho da produção de bens de consumo e das exportações. No Amazonas, destaca-se o setor de material eletrônico e equipamentos de comunicações; no Pará, a principal causa do crescimento é a indústria extrativa, devido à demanda externa por minério de ferro; no Ceará, o destaque é a indústria têxtil (tecidos de algodão e de malha de fibra artificial). Por outro lado, Paraná e Rio Grande do Sul têm mostrado queda na produção nos últimos meses. Os principais destaques negativos no Paraná foram veículos automotores, edição e impressão e máquinas e equipamentos, devido ao comportamento, respectivamente, de bombas injetoras para veículos, livros e máquinas para trabalhar matéria-prima na fabricação de pasta de celulose. No Rio Grande do Sul, os destaques negativos são máquinas e equipamentos e produtos de metal. Nessas atividades sobressaíram-se os recuos nos itens aparelhos de ar-condicionado; máquinas para colheita; partes e peças de metal para ferramentas manuais; ferro e aço forjado em formas e peças.

O resultado das vendas industriais, apresentado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), foi positivo em 0,9% na comparação com fevereiro. Na comparação com março do ano passado, as vendas cresceram 2,6%, menos do que a produção, que cresceu 5,2%. No acumulado do ano as vendas crescem 2,2%. A utilização da capacidade instalada em março teve ligeira queda em relação a fevereiro na série dessazonalizada, ficando ainda 1,3 ponto percentual (p.p.) abaixo da de março do ano passado. Como a produção industrial, segundo o IBGE, cresceu cerca de 5% no período, pode-se inferir que, mesmo com a desaceleração da atividade econômica em 2005, a capacidade produtiva manteve-se em expansão, indicando não haver limites no curto prazo ao crescimento da produção. O Gráfico 1.2 mostra que, desde o final de 2004, enquanto as vendas reais da indústria se estabilizaram ou cresceram, a utilização da capacidade caiu.

PROJEÇÕES

Para 2006, espera-se crescimento de 5,3% da indústria geral e, para 2007, de 4,7% (Tabela 1.5). Tanto em um ano quanto em outro, a extrativa mineral continuaria com forte crescimento, embora com taxa ligeiramente declinante. Em 2006, os bens de consumo duráveis ainda se destacariam em relação às outras categorias de uso, crescendo 9,1% (o nível dessazonalizado de março foi 6,6% superior à média de 2005), mas bens de capital e semi

GRÁFICO 1.2
INDICADORES INDUSTRIAIS: VENDAS REAIS E UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE – DESSAZONALIZADOS
[em %]

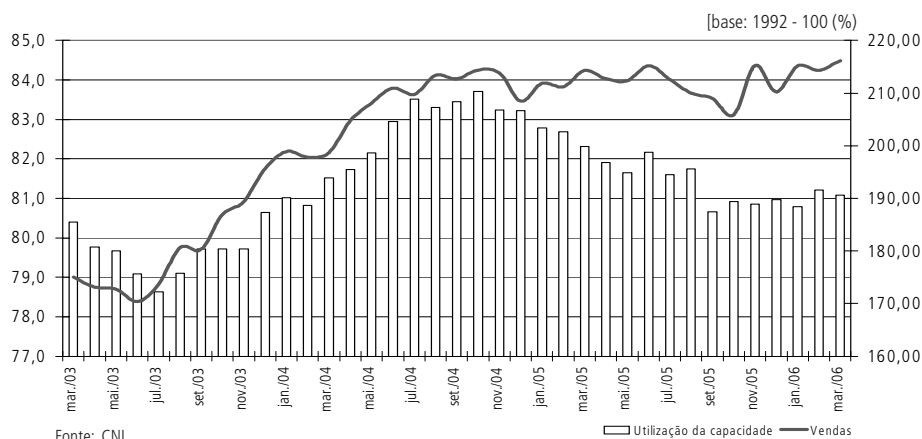


TABELA 1.5
PRODUÇÃO INDUSTRIAL: DADOS E PROJEÇÕES
 [trim./igual trim. ano anterior (%)]

Classes e categorias	2005				2006	2006 (Previsto)				Anual		
	I	II	III	IV	I	II	III	IV	2005	2006	2007	
Indústria geral	3,9	6,1	1,4	1,3	4,6	3,0	5,2	5,3	3,1	4,5	4,7	
Extrativa mineral	5,1	15,5	9,7	10,3	13,2	2,7	9,6	9,5	10,2	8,6	8,5	
Transformação	3,8	5,6	1,0	0,8	4,1	3,0	5,0	5,0	2,7	4,3	4,4	
Categorias de uso												
Bens de capital	2,5	5,1	2,5	4,2	9,2	1,6	6,1	7,4	3,6	6,0	6,1	
Bens intermediários	1,6	3,2	-0,7	-0,2	2,8	2,9	3,9	3,5	1,0	3,3	3,5	
Bens de consumo	6,7	10,7	4,6	2,7	6,4	2,4	6,4	7,9	6,0	5,8	4,7	
Duráveis	11,9	21,0	8,8	5,0	14,9	2,8	9,5	10,0	11,4	9,1	5,6	
Semi e não-duráveis	5,4	7,8	3,5	2,1	4,0	2,1	5,0	6,6	4,6	4,5	4,3	
Indústria geral dessaz.												
Variação (%) sobre trimestre anterior												
	-0,3	1,9	-0,6	0,6	1,2	1,7	1,6	0,6	-	-	-	

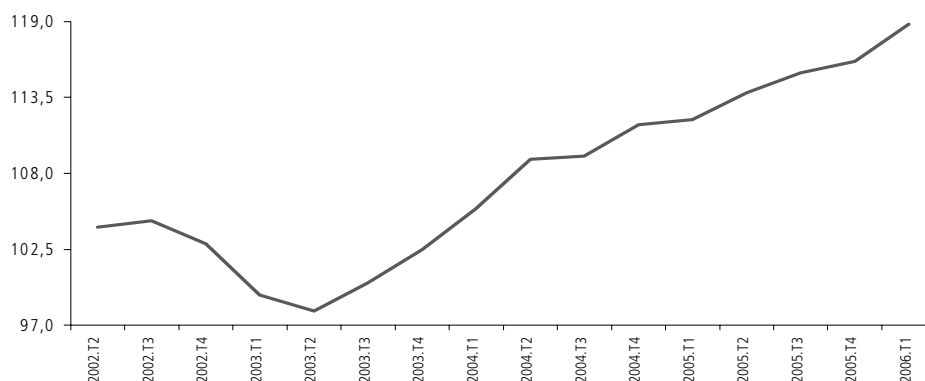
Fonte: IBGE/PIM-PF. Previsão: Ipea/Dimac.

e não-duráveis também cresceriam acima da média, abaixo da qual ficariam só os bens intermediários. A manutenção de taxas acima da média para bens de capital é consistente com a trajetória ascendente da taxa de investimento.

COMÉRCIO

Os resultados da PMC do IBGE para o primeiro trimestre de 2006 foram positivos (Gráfico 1.3). A boa *performance* nos três primeiros meses do ano é consequência, sobretudo, do desempenho das vendas em janeiro, quando a variação na margem chegou a 4% (maior

GRÁFICO 1.3
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO: SÉRIE DESSAZONALIZADA
 [índice: média de 2003 = 100]

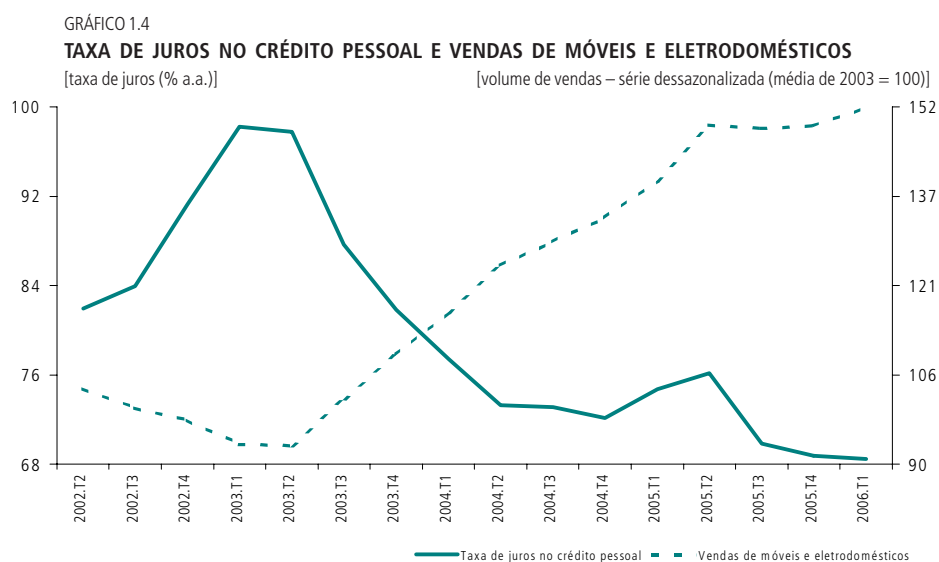


Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac.
 Nota: Série foi trimestralizada utilizando a média aritmética do dado mensal dessazonalizado (ajuste realizado pelo IBGE).

alta desde o início da série). Com esse resultado, foi possível atingir um crescimento em termos dessazonalizados no primeiro trimestre de 2,3% e uma alta no ano de 5%. Os melhores desempenhos entre os itens que compõem o indicador do varejo³ foram de “móveis e eletrodomésticos” e “alimentos, bebidas e fumo”, com crescimentos, na comparação com o último trimestre do ano passado, de 2,2% e 4,9%, respectivamente. Por outro lado, “combustíveis e lubrificantes” e “tecidos, vestuário e calçados” registraram quedas nessa mesma comparação (-3,1% e -1,4%, nessa ordem). Convém destacar que as vendas de materiais de construção, item que não compõe o indicador de varejo mencionado anteriormente (faz parte apenas do indicador de varejo ampliado), apresentaram uma sensível melhora em termos de variação contra igual período do ano anterior.⁴ Pela primeira vez desde que esse item começou a ser acompanhado pela nova PMC, verificou-se crescimento, ainda que pequeno: após cair 5,6% no quarto trimestre de 2005, houve crescimento de 0,1% nos três primeiros meses do ano.

O excelente desempenho das vendas de móveis e eletrodomésticos, que cresceram 11,1% no primeiro trimestre em relação ao mesmo período de 2005, deve-se, em grande medida, às taxas de juros declinantes combinadas com prazos de financiamento mais longos. A relação entre juros e vendas de móveis e eletrodomésticos pode ser vista de forma clara no Gráfico 1.4.

Já as vendas de alimentos, bebidas e fumo, segundo componente do indicador de vendas no varejo que mais contribuiu para o crescimento no ano, acompanham a tendência que se verifica na massa real de salários (Gráfico 1.5). Apesar de modesto, o crescimento da massa real de salários no primeiro trimestre deste ano em relação ao quarto trimestre do ano passado (0,5%) manteve a tendência positiva da série e já alcança o maior valor desde o início da nova PME, em 2002. Em abril, o crescimento de 0,7% da massa real de salários somado à alta das vendas dos supermercados reportada pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras), de 0,6% (ambas as comparações feitas em relação ao período anterior com ajuste sazonal), são indícios de que a boa *performance* desse item se manterá no início do segundo trimestre.



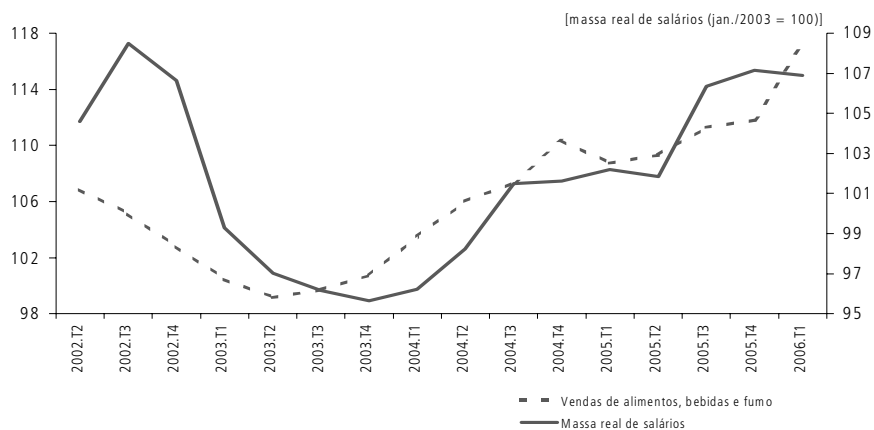
3. Não inclui as vendas de veículos e materiais de construção.

4. Em razão do menor número de observações na série de vendas de materiais de construção, iniciada em janeiro de 2004, não é possível aplicar um ajuste sazonal de forma satisfatória com os pacotes estatísticos existentes.

GRÁFICO 1.5

MASSA REAL DE SALÁRIOS E VENDAS DE ALIMENTOS, BEBIDAS E FUMO

[vendas de alimentos – série dessazonalizada (média de 2003 = 100)]



Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac.

Obs.: Massa de salários é o produto entre o rendimento médio real habitual e o número de pessoas ocupadas.